

Para Rockefeller, FMI é tema controvertido

por Coriolano Gatto
do Rio.

O Brasil não precisa fazer um acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI), desde que o governo promova ajustes internos, adotando medidas que reduzam a inflação, aumentem as exportações e consigam manter o crescimento econômico. O diagnóstico e a receita foram dados ontem pelo banqueiro David Rockefeller, cuja família é acionista majoritária do Chase Manhattan Bank, o segundo credor brasileiro, com um montante que chega a US\$ 3,1 bilhões.

"Não importa se as medidas (para o ajuste da economia) virão através do FMI ou através de medidas internas", resumiu Rockefeller, que qualificou de "boa" a atual equipe econômica e, sempre adotando um tom otimista, considerou promissor o futuro do Brasil. O banqueiro garantiu que a saída do economista Fernando Milliet da presidência do Banco Central (BC) não altera os rumos da negociação externa. "Quem lidera é o ministro da Fazenda", justificou.

Rockefeller está no País para participar da reunião

anual do Conselho Consultivo Internacional da America's Society (Sociedade das Américas) — uma entidade que reúne grandes empresários —, que começou no dia 7 e prossegue até o dia 11 de março. Na sua agenda, constam encontros com grandes empresários, como Walther Moreira Salles (Unibanco), Osires Silva (Petrobrás), Paulo Villares (Villares), Wolfgang Sauer (Autolatina), Olacyr de Moraes (Itamaraty), José Ermírio de Moraes (Votorantim) entre outros.

"Vai ser preciso um certo tempo para a estabilização da economia. E eu reconheço que o FMI é um assunto controvertido aqui. Creio que nem tudo que o FMI recomenda será seguido pelo Brasil, que deve fazer a sua própria escolha", disse Rockefeller aos jornalistas.

"Não é vantajoso para os bancos emprestar dinheiro (aos países) a uma taxa baixa a longo prazo", disse, sobre a reserva de mercado para a indústria de informática. "A sensação que se tem é que as leis brasileiras para a informática são protecionistas e a tendência dos Estados Unidos é proibir a entrada de produtos brasileiros", afirmou.